

PROJETO | MEMÓRIA EM AÇÃO: AS MINHAS MEMÓRIAS, A NOSSA HISTÓRIA



Foto: Museu de Lagos | Lídia Moreira

ENTREVISTA

MANUEL JOÃO GOMES GAMBOA nasceu em Odiáxere, concelho de Lagos, em 1953. Concluiu o 7.º ano do Curso dos Liceus e, profissionalmente, desempenhou funções como bancário.

Em 6 de dezembro de 1974, foi empossado membro da Comissão de Recenseamento da Freguesia de Odiáxere, participando no recenseamento dos eleitores para a Assembleia Constituinte, realizado entre 9 e 29 de dezembro de 1974.

Em 25 de Abril de 1974, Manuel João Gomes Gamboa vivia em Odiáxere. Soube da notícia pela rádio.

DESCRIÇÃO

Código de Referência: PT/ML/AML/C/3/35/000014

Título: Entrevista a Manuel João Gomes Gamboa

Data: 26/09/2023

Local: Instalações da Junta de Freguesia de Odiáxere.

Tipo: Entrevista áudio formato M4A

Duração de gravação: 00:32:50

Entrevistador: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Registo fotográfico: Museu de Lagos / Lídia Moreira

Transcrição, revisão e edição: Museu de Lagos / Patrícia J. Palma

Texto revisto e validado pelo entrevistado a 12/04/2024.



ML MUSEU
DE LAGOS

Patrícia de Jesus Palma (PJP): *Senhor João, muito obrigada pela sua disponibilidade em colaborar com o projeto Memória em Ação, aceitando conversar connosco sobre as suas memórias relativas ao 25 de Abril de 1974. Começo por lhe perguntar: o senhor vivia em Odiáxere quando se deu o 25 de Abril?*

Manuel João Gomes Gamboa (MJGG): Sim.

PJP: O que é que se lembra desse dia?

MJGG: Perfeitamente. Já estou um bocado “alzheimerizado”, já muitas coisas não me recordo, mas esse dia foi marcante. Foi marcante, talvez, pela idade. Eu fui apanhado com 21 anos de idade. Estava numa expectativa, a minha expectativa era grande, de ir para a tropa. Tinha frequentado o ensino superior, estive só um ano no ISPA, Psicologia Aplicada, mas depois não me davam espera, e eu fiz só o primeiro ano até o verão de 73 e depois saí. Tinha pedido e tudo para ir na primeira incorporação de 74 [01:07], isto antes do 25 de abril, portanto contei a minha vida que fosse para a tropa em janeiro de 74. Não fui, não me chamaram em janeiro, deu-se o 25 de Abril e não me tinham chamado. Só fui, no ano de 75 é que eu fui, no segundo e último turno que foi em setembro de 75, portanto, estive um ano, quase dois anos sem nenhum compromisso, digamos, livre completamente. E essa liberdade com alguma informação que eu tinha tido, um ano em Lisboa, o que se ouvia, eu assisti a uma repressão no 1.º de Maio em 73, em Lisboa. Eu estava no Paládio a jogar bilhar, que era um café que existia nos Restauradores, e assisti àquilo e estava com uma malta que trabalhava nos escritórios do UTIC e depois, de repente, vejo chegar a polícia de choque, que eu nunca tinha visto polícia de choque, nem pensei que existisse, as nossas informações eram muito poucas. Depois, a atuação daquela gente com toda a gente que ia na rua: fosse crianças, mulheres, aquilo era pancada a torto e a direito, as pessoas enfiavam-se, as pessoas abriam as portas das casas particulares e tudo para as pessoas se meterem, aquilo era uma perseguição. Aquilo criou-me, quer dizer, um certo mau estar. Fiquei muito maldisposto quando vi aquilo! E depois, conversando, não se pode isto, aquilo... Já sabia da existência das polícias internacionais da defesa do Estado, a PIDE, perseguiram as pessoas que realmente tinham uma opinião diferente da que estava instituída e aquilo ficou-me. Vim para cá, descansado, e, entretanto, deu-se o 25 de Abril.

PJP: E como é que soube da notícia?

MJGG: Pela rádio, pela Antena 1. Não havia nada, não havia corridinho algarvio. Acordo, não havia nada, música: marchas militares, só música militar, tinha já havido foi

na noite, isto foi 9 horas da manhã. Olhe, eu só sei que me vesti à pressa, saí de casa, vim aqui para o largo da Igreja, sentei-me aqui naquele banco, que havia uns bancos de pedra, e estava à espera de encontrar alguém que sentisse o 25! Que soubesse que houve um golpe de Estado! E não havia...

PJP: Não havia ninguém?

MJGG: Não havia, não havia. Pessoas ocupadas... dia de trabalho. Uns tinham vindo da tropa há pouco tempo, até que um, que era o Zé António Inácio:

“– Zé, então?

– Eh, pá! Ouvi dizer qualquer coisa...

– Eh, pá! É o 25 de Abril, pá! Uma revolução militar para acabar com este regime, pá! Eh, pá! Eu já não vou para Angola, pá!” – Foi a minha frase: “– Eh, pá! Eu já não vou para Angola!”

PJP: Liberdade!

MJGG: Esta sensação primeira foi essa sensação. Estou livre do serviço militar e livre de ir para uma guerra. Eu, nessa altura, não tinha ainda consciência do que seria a guerra para mim, só sabia que não queria ir para lá! Não queria ir para lá “para matar pretos” (expressão usada na época), nem que os pretos matassem os brancos. Não queria! Queria estar aqui, no meu Odiáxerezinho, que isto era tão porreiro, bebia-se aqui uns copinhos, tínhamos uns amigos.

PJP: Pacífico.

MJGG: Pacífico, pronto! Foi assim que eu soube e, a partir daí, o café ali em frente, que está fechado agora, ali na esquina mesmo, ao lado da pizzaria, aquela esquina, o Carlitos depois pode tirar dúvidas, era um café onde a malta batia toda. Batíamos ali todos, beber o cafezinho, beber o copito, beber a cerveja, comer o marisquinho. Na altura, os meus pais tinham um estabelecimento ali no largo da Alegria, uma taberna e uma mercearia, e eu, em termos de, tinha sempre um dinheirito para beber um copo, nunca me faltou. E para fumar um cigarrito. E foi ali, que, sem querer, começámos a montar o quartel-general das opiniões. Os mais novos, da minha idade [*diziam*]: “– Eh, pá, e não sei quê, não sei que mais...”. Começámos a conversar, a ver televisão, aquilo que se passou: “– Eh, pá! Isto está difícil, está fácil, eh, pá, será que isto vai ser bom?” E depois aquela proclamação de acabar com a guerra colonial, dar a independência às colónias, aquilo mexeu connosco todos. Ficámos assim pró-25 de Abril, nunca contra, fomos sempre pró-

25 de Abril. E, depois, foi a nossa tentativa aos poucos de se ir conversando com as pessoas que não tinham formação escolar, sempre viveram na opressão, tentar dar-lhes uma imagem do que poderia acontecer. E, depois, nessa altura, portanto, do 25 de Abril de 74, depois no 1.º de Maio já participei ativamente.

PJP: *Aqui?*

MJGG: Aqui. Havia aqui a sociedade recreativa, ali. Já organizámos um chamado comício em que fomos passar às pessoas aquilo que nós sentíamos. E as pessoas perguntavam:

“– Eh, pá, mas será bom, será mau?”

– Nós achamos que tem de ser melhor! Não pode ser pior do que existia. – Já viu, o seu filho já não vai para a guerra, o seu filho já não sei quê...

PJP: *E houve, nessa altura, uma grande adesão da população?*

MJGG: Adesão. E foi interessantíssimo. A população e todas elas de todos os lados: os chamados proprietários, que tinham algumas coisas, e mesmo os que não tinham nada, aqueles que trabalhavam aí no campo desgraçados, toda a gente aderiu. Pelo menos...

PJP: *Queria ouvir, queria saber?*

MJGG: Queria saber. E queria acreditar. Foi uma coisa muito importante, que era – eu fui porque gostava de dar a minha opinião sobre o que estava a ouvir e o que se podia transmitir e também fui porque as pessoas creditavam que, se eu falasse, não dizia mentiras. Eu não podia defraudar as pessoas que acreditavam, está a ver? Havia uma grande responsabilidade em mim.

PJP: *Um grande compromisso, comprometimento.*

MJGG: Exatamente. Foi isso que me fizeram. Portanto a partir daí fiquei completamente entregue – à bicharada, não – mas à boa vontade das pessoas. E foi assim.

PJP: *E a mobilização, esse comício foi de uma organização espontânea ou, nessa altura, já partidária?*

MJGG: Espontânea, ainda não apareceu ninguém [de partidos].

PJP: *E como é que começam a aparecer os partidos aqui na freguesia?*

MJGG: Porque as pessoas daqui, havia muita gente que eu não sabia, que já estava ligada ao Partido Comunista Português. A maior parte da malta, aliás, o Hélder que saiu, não sei se ele aderiu ao Partido já depois do 25 ou não; o Gualdino que há-de entrar a seguir, já pertencia ao Partido. A maior parte das pessoas já pertencia ao Partido, até montaram aqui uma sede aqui em Odiáxere do Partido.

PJP: *Que era onde?*

MJGG: É ali por baixo da Cabeleireira Lila, tinha ali uma florista, como é que eu dizer: estava aqui a estrada nacional, é outra rua por trás desta não é, depois quando se sai ali, vamos lá ver, pela estrada da Barragem, não é na primeira, na segunda à direita quando se vai para a churrasqueira, está uma churrasqueira ao lado direito em baixo, e do lado esquerdo está ali uma casinha, que era de um senhor daqui, que era os Felícios, os Felícios não, dos Felipes e o homenzinho deu a casa para montarem aí uma sede para o Partido, a primeira. Eles depois fizeram a sede a seguir à churrasqueira, ainda está lá a casa, ainda está lá o pau da bandeira, mas depois morreu também tudo, que era dum moço que era o Xico, Francisco Faxelha, que se chamava, ele é que também ajudou. Aquilo era malta que, para além de pertencer ao Partido, dava todo o trabalho braçal que fosse necessário, obras, não sei que mais. Portanto, houve uma grande disponibilização das pessoas, muito através também, aqui, do Partido Comunista Português, isso então não há dúvida nenhuma. Na parte que me concerne, eu já andava aí empurrado pela coisa, mas, depois tentaram-me aliciar-me para o Partido. Era lógico, tinha que acontecer. Não quis. Depois, veio o M.D.P./C.D.E. – as senhoras não são aqui de Lagos, pois não? Nenhuma é daqui de Lagos? –

Lídia Moreira (LM): *Eu sou.*

MJGG: É? Aquela Garrett, de José Luís da Glória, conheceu? Não conheceu o José Luís da Glória, não, o dono daquilo?

LM: *Acho que não.*

MJGG: Era o dono daquilo, um homem alto.

LM: *Acho que não, só os Barrosos.*

MJGG: Ah! Agora os Barrosos, exatamente. O Zé Luís da Glória pertencia, era cá também ligado ao Partido Comunista M.D.P./C.D.E. Era o Movimento Democrático Português / Centro Democrático Eleitoral, esse quase ainda que eu cá.

PJP: *Quase que casava...*

MJGG: Fiquei com um pin, fiquei com um, mas não cheguei a casar. Pensei, eu não, eu tenho que me desligar, não quero, não quero entrar para os Partidos, eu acho que traía, traía aquilo que eu disse às pessoas, traía no momento em que fosse militante de um Partido.

PJP: *E como é que continuou a participar na construção da democracia que estava ali a nascer?*

MJGG: Mas é que não foi durante muito tempo. Para o bem e para o mal, em 75, um ano e poucos meses, fui para a tropa.

PJP: *E esteve lá quanto tempo?*

MJGG: A partir daí, desliguei-me completamente. Depois, outros vieram, outras pessoas organizaram-se já, de outra maneira, já se construiu aqui a Junta, já essas coisas todas, tudo desenvolveu-se. E eu decidi, depois casei, tive filhos.

PJP: *Outra vida. Fez parte daquele grupo que tomou conta do quintal da junta de paróquia?*

MJGG: Fiz, sim senhor. Na primeira linha.

PJP: *O que é que aconteceu nessa altura?*

MJGG: Não quero dizer que foi um erro, que não foi. Aquilo foi, como é que hei-de dizer? À luz dos tempos, também uma reunião nesse café, nesse tal café ali. Quem, nas conversas havidas antes: o que é que nós podemos fazer pelo povo? O que é que se pode? A junta, não tem junta, não há nada, não há posto médico, não há farmácia, essas coisas todas que se falava na altura, não havia nada aqui, e as pessoas, os mais velhos, havia um que era o senhor Júlio, eletricista, ali em Lagos, e outros mais velhos diziam: -Eh, pá, ali o quintal da paróquia, o chamado “quintal do padre”, aquela parte ali, que está ali, que tem duas ou três amendoeiras, está ali fechada, aquilo não é da igreja. E, então, aquilo debateu-se durante muito tempo: - aquilo não é da igreja, mas a gente não tinha meios, eu não tinha automóvel, não tinha carta, não sabia, não ia ao bispado perguntar se era ou não, claro que eles diziam que era deles. E, depois, vieram factos: «-Ah, o meu pai andou ali na escola do outro lado.» Aquilo era da população, como é que se diz na altura? Já não sei, não me lembro, a organização das povoações era, se havia o mestre-escola, não sei se era pago pela câmara...

PJP: *Pela paróquia?*

MJGG: Não, mas não era. Dizem que não, que não tinha nada a ver com a paróquia. E eles depois vedaram aquilo e fecharam aquilo, agora é nosso! Eh, pá, é nosso! Se já foi da população, porque é que não há-de voltar à população?

PJP: *E essa foi uma decisão tomada no café onde se reuniam?*

MJGG: Em várias reuniões. Não foi assim depois de copos de macieira, não.

PJP: *Foi um amadurecimento da discussão.*

MJGG: Foi um amadurecimento da ideia. E depois porque vinha mais um testemunho:

“– Eh, pá, mas isso é uma ação chata e tal!

– Está bem, mas então, não se faz nada?

Outros, com mais sangue na guelra:

“– Eh, pá, vamos lá já!

– “Eh, pá, calma aí, pá! Vamos lá tentar!”

Depois, entretanto, quando se chegou à conclusão que realmente isto já tinha sido, acho que depois a pessoa que estava à frente da Junta de Freguesia, que era o senhor José Heleno, ele é que foi um dos grandes, como é que hei-de dizer, falta-me aqui a palavra, não mentor, mas mais...

PJP: *De incentivo?*

MJGG: De incentivo, exatamente. Um grande incentivador das transformações. O homem tinha vindo da Marinha, tinha tido problemas na Marinha, não sei se tinha ligações a partidos se não tinha, mas era dono “esses comunistas”, naquele tempo eram todos proprietários, tinham fazendas, tinham tudo [*risos*]. Agora desgraçados, agora trabalham por conta d’outrém e não têm dinheiro para comer. Naquele tempo não, tudo tinha. E, então, amadurecemos a ideia e depois mais um testemunho:

“– Não há dúvida...” E depois, na Junta, ele disse: “– Sim, sim, não há dúvida.” Que aquilo era da população. Então, se é da população, não vamos cometer nenhum crime. Então, aproveitando, deve saber, com certeza, depois criou-se o Estado Maior Geral das Forças Armadas, criaram a 5.º Divisão, de Ação Cultural, nunca ouviu falar?

PJP: *Dentro da 5.ª Divisão Militar?*

MJGG: Não, dentro do Estado Maior Geral das Forças Armadas criaram a chamada 5.º Divisão, que foi sob a vontade do General Costa Gomes, na altura. Esses homens vieram

todos para a rua, foram para o Norte, e a tentativa era levar as pessoas a não acreditarem, no Norte foi mesmo, a não acreditarem naquilo que os padres se transformaram, eles fecharam as pessoas, que os “comunistas comiam” e não sei quê, e “vão dar fogo às igrejas e vão matar não sei quê, não sei que mais”. Então, eles foram lá para lhes dizer que aquilo não era verdade! Começaram a levar Companhias de Teatro, a Seiva Trupe e outros assim. Foram cantores de intervenção, Zecas e Sérgios, pelo país todo, atuaram em todo o lado e aqui o Quartel ainda estava aberto, eu lembro-me, ainda estive aqui na tropa até fecharem em 76 e eles tinham ordens, se calhar, de ajudar as populações, ou as comissões que se formassem, para os ajudar.

PJP: *De dar apoio.*

MJGG: De dar apoio. E, nessa altura, apareceu aí uma malta da Marinha, dois ou três jipes, enquadrados por uns oficiais e não sei quê, e com uma máquina, agora a máquina já não sei quem foi, a retroescavadora e, pronto, então, vamos fazer! E fizemos. Pronto, bem ou mal, foi feito.

PJP: *Portanto, foi derrubado o muro que existia?*

MJGG: Era uma cercazinha. Isto aqui é parte da igreja, não é, aqui é a parte da frente onde foi a escola e era este quintal todo, aqui onde é a junta agora, este edifício. Então, foi, partimos, foi partido a meio a parede, entrou-se lá dentro e dissemos: está ocupado.

Depois, já não foi do meu tempo, depois tiveram que negociar com a diocese e chegaram a acordo.

PJP: *E o terreno foi comprado?*

MJGG: Isso agora já não sei os pormenores, já não sei. Nessa altura já não estava em contacto... Eh, pá, finalmente, resolveu-se! Aquilo ficou-me um bocado atravessado, sinceramente. Hoje digo, talvez fosse um bocadinho revolucionário a mais, talvez fosse... Mas, com as premissas que existiram para fazer aquilo, com o apoio da...

PJP: *Da população?*

MJGG: E do Movimento das Forças Armadas. Aqui as pessoas:

“– Eh, pá! Então, se eles estão aqui, se eles dizem que sim, vamos!”

Está a ver? Naquele tempo, também muita mentira passou, as vontades que uns queriam e outros não queriam. Foi aí que eu me senti um bocado desconfortado também com isso tudo, mas, eles eram a autoridade vigente.

PJP: *Mas ainda participa no processo de alteração da toponímia local?*

MJGG: Não havia alteração: da criação.

PJP: *Da criação mesmo?*

MJGG: Da criação mesmo. A toponímia existia só no diz que disse.

PJP: *Na tradição oral.*

MJGG: Na tradição oral, exatamente. A rua era a rua do poço da ribeira, outra era a rua do peixe frito, que vem ali da escola era a rua do peixe frito, porque havia duas pessoas que vendiam peixe aqui no Odiáxere e fritavam peixe para comer ao almoço. Sim, foi a criação. Porquê? E o que é que deu, lá está, o centro de apoio, que era o café, nas conversas, porque não tínhamos nada que fazer, não trabalhávamos, a malta reunia-se, conversava, ou namorávamos, ou falávamos de política, foi o que aconteceu depois do 25. Apareceu o Vasco Gonçalves, tinha havido uma intentona em 74, em setembro, 28 de setembro, uma intentona de malta ligada mais à direita para derrubar o que estava constituído. E o Vasco Gonçalves veio para a televisão, numa entrevista de meia hora, que eu estive a rever há bocado, está no *google* também, em que ele faz o apelo para: “no próximo domingo, trabalhadores!” – bem, eu não era trabalhador – “operários!” – eu não era operário – “intelectuais!” – eu disse: “eh, pá, sou eu!”. Incluí-me eu mesmo nos intelectuais: isto é comigo! “– No domingo, vamos trabalhar e todo o lucro desse trabalho reverte só para os trabalhadores! Não vai nem para os patrões, nem para as autarquias, nem para o Movimento das Forças Armadas.” E a gente: “– Eh, pá, é uma boa ideia!” Mais dois ou três, dos quais um era o *chauffeur* de táxi, José António Rodrigues, dono do café, e outro moço era o Zé Augusto, havia dois, era o mais velho, estávamos ali:

“– Eh, pá! O que é que a gente faz?

– Vamos pôr os nomes às ruas como deve ser! Vamos pôr aquilo impresso na parede e nas portas!

– Eh, pá, é uma boa ideia.”

PJP: *Então, foi esse trabalho que decidiram fazer no tal domingo?*

MJGG: Foi o trabalho que foi feito no Dia do Trabalho Nacional. Não foi Dia do Trabalho, aquilo chamava-se Jornada de Trabalho Nacional, Jornada de qualquer coisa. Então, falámos com o senhor presidente da Junta, o senhor José Heleno – está sempre o Zé Heleno metido ao barulho – tivemos na Junta, agora já não me lembro quem eram as pessoas que lá estavam, devia ser a Comissão Instaladora na altura, era ele e mais duas

peessoas, e decidimos, então se é para pôr números nas portas, tudo bem. E as ruas, como é que se vão chamar as ruas? Poço da Ribeira, Peixe Frito, acabar com isso, não é? Ou não acabar...

PJP: *Podia-se manter.*

MJGG: Manter, exatamente. Não pusemos em questão nada disso, nada disso em questão. E, então, vamos lá decidir. Então, Odiáxere, foi assim: a parte de baixo, escola. A escola incluía esta zona aqui.

PJP: *A envolvimento à escola?*

MJGG: A envolvimento à escola. A parte de cima, cemitério. Cemitério, mas não era pôr o nome do morto Zé António nem Maria Rita. Não, não vamos pôr nome de mortos. E a outra parte não tinha nada de especial, tinha o moinho de vento.

PJP: *O Rossio?*

MJGG: O Rossio. Então, decidimos: escola, logicamente, escritores, como lá estão. Feliciano de Castilho, Eça de Queiroz, Camões, por aí fora.

PJP: *Os grandes vultos das letras.*

MJGG: Os vultos das letras, exatamente. A parte de cima, como não se ia pôr os nomes de ninguém do cemitério, colocámos datas. Datas que fizessem alguma ligação ao 25 de Abril, novas, anteriores, até tem a 5 de Outubro, mas tem aquela particularidade de ter a 6 de Outubro. Temos uma 5 de Outubro e uma 6 de Outubro, que até o senhor presidente da Junta não sabia. “- Eh, pá, porquê?” Ah, ele disse: “-Soube há pouco tempo.”, pois soubeste! 6 de Outubro foi o Dia do Trabalho Nacional. O nome da primeira rua a ser colocado foi aquele. Foi o dia que o Vasco Gonçalves disse: hoje a malta trabalha gratuitamente.

PJP: *E foi nesse dia que...*

MJGG: Nesse domingo.

PJP: Nesse domingo é que fizeram esse trabalho da toponímia e, portanto, deixaram aquela rua com o nome desse dia?

MJGG: É uma travessa e rua.

PJP: Lembra-se do nome das outras pessoas que fizeram parte desse grupo de trabalho sobre a toponímia?

MJGG: Lembro-me perfeitamente. Já morrera os dois, éramos três. Era o José António, chamado Zé António Rodrigues, como é eu ele se chama na realidade?... Ah, Zé António... Vou-me lembrar ainda. E o José Augusto Calado, que era filho de um grande proprietário aqui da zona, mas que aderiu a esta situação, e então foi assim. Fomos à Câmara, à parte dos serviços municipalizados, eles forneceram-nos as chapas, de placa galvanizada, os moldes, e atinta não sei se foi a Junta de Freguesia que arranjou. Primeiro, a tinta preta para a primeira impressão, para a base, e começámos assim. Começámos a marcar, zaca, zaca, zaca...

PJP: *Foram mesmo aos sítios colocar os nomes?*

MJGG: Tivemos a iniciativa, a Junta anuiu, escolheram-se os nomes das ruas e das coisas, depois fomos à Câmara, trouxemos o material e começámos a trabalhar. E trabalhei que nem um lord, todos dias, a subir e a descer escadas, hoje, quem me dera fazer o mesmo que já não consigo, e quando foi para pôr – a parte preta é fácil, é o molde, é só pintar à volta do molde e está impresso, era o offset na altura – agora, a parte com os números, já tínhamos uns moldezinhos com os algarismos, então o senhor lá dos serviços municipalizados:

“– Então, vocês sabem como é que se faz isso?

– Eh, pá, é claro que sabemos e tal”.

– Não, vocês arranjam um bocadinho de esponja, atam um fiozinho e fazem assim uma bolinha na ponta (a boneca). Essa bolinha, molham e depois põem assim no molde que fica lá. Isso fica bonito, fica.”

A gente punha, eh, pá! Espetacular! Não se andava a pintar com pincel, foi com impressão através da esponja e, pronto, foi assim. No fim, já estava quase tudo feito, o Zé já não podia mais, as pessoas diziam:

“– Então, o que é isto?

– Então, não vê, estamos a pôr aqui o número da sua porta, nesta rua, que tem ali o nome, além à entrada.

– Ah, Sim!?

– Agora, quando escrever, ponha isso na carta e diga às pessoas: “- Olhe, eu agora moro na rua Feliciano de Castilho, n.º 7.”

Já no fim, estávamos tão cansados, as pessoas vinham à porta:

“– Ah, sim! Isso é muito bom!”

E dizíamos assim:

“– Oh, dona não sei quê, não tem aí secante para a tinta? A tinta está grossa, a gente não consegue já pintar...”

– Secante para a tinta não tenho, só se for lá em baixo à da senhora da drogaria.

– Não, não tem assim outro secante, assim qualquer coisa assim, um medronhito?”

PJP: *Um incentivo?*

MJGG: Só assim, já no fim, eram uns medronhitos para apaziguar, mas fez-se tudo tão bem! Tudo com gosto, tudo espontâneo, tudo trabalho voluntário, não se cobrou um tostão, não se pediu dinheiro a ninguém, só pela satisfação de ver as pessoas contentes. A minha atuação aqui foi ver as pessoas felizes e contentes.

PJP: *O bem colectivo, o bem de todos.*

MJGG: O bem de todos. Ah, e depois, acho que a minha salvação de não começar a pertencer aí a nada político foi ter ido para a tropa.

PJP: *Então, e depois quando regressa, regressa novamente a Odiáxere?*

MJGG: Regresso a Odiáxere. Ainda moro nas casas, não onde nasci, porque nasci à do Dr. Clarinho, em Lagos, em 1953, mas morava já aqui no Odiáxere.

PJP: *E quando regressa do serviço militar acha já muitas diferenças a Odiáxere?*

MJGG: Sim, sim, estava já tudo em arranque. Esta parte aqui, por exemplo. Sentia-se o arranque, as pessoas já mais organizadas, tudo, tudo. Outro ar, outro ar. Uma confiança. Depois começou a aparecer então as questões partidárias, mesmo aqui no povo, em que, parecendo que não, os da esquerda, sempre houve esta guerra e ainda hoje continua, entre P.C.P. e P.S., parece que se odiavam mais do que o P.C.P. e o C.D.S. Está a ver? Aqueles dois era sempre aquele conflito. Mas depois a Junta de Freguesia eleita até foi pelo Partido Socialista, aqui. Foi o José Henrique Messias, o primeiro Presidente, olhe é aquele que está além do lado esquerdo, pois. Sim, senhor, foi assim.

Mas, entretanto, nesta parte da toponímia, mas depois também fiz parte de outra, quer dizer, não parava e de tal maneira que passei, pelo menos, duas noites sem dormir, a fazer diretas. Isto foi em 74, no fim de 74, depois desta história do nome das ruas, foi o recenseamento eleitoral.

PJP: *Também participa no recenseamento eleitoral?*

MJGG: Participo, o Gualdino que há-de entrar, tinha o trator, íamos para o campo chatear pessoas, coitadas, estavam lá, nem saíam de casa. Recenseámos... Participaram o Gualdino Calado, o Hélder Henriques, o Serafim Duarte, o Marcelino Marreiros e outros, com a inestimável ajuda e apoio da senhora funcionária administrativa de então, a senhora Maria José Marreiros Bandarra. Não sei se ficou alguém por recensear. Se aquele trabalho não fosse feito, 80% das pessoas não eram recenseadas e, assim, quando chegou as primeiras eleições para a assembleia constituinte em 75, estavam os cadernos eleitorais feitos. Agora, quem é que escreveu os cadernos eleitorais na máquina? O “joy” e mais dois. Passei duas noites a fazer “tape, tape”, porque tínhamos que entregar na Câmara os cadernos para as eleições.

PJP: *Passados na máquina de escrever?*

MJGG: Aquelas antigas, Royal, era giro.

PJP: *Portanto, tudo trabalho gracioso?*

MJGG: Tudo gracioso. A única compensação que tive foi a Câmara Municipal que me deu uma medalhazinha e diploma pelo reconhecimento do trabalho, pronto, é a única coisa que tenho.

PJP: *Que é também uma peça preciosa.*

MJGG: Uma peça preciosa, exatamente.

PJP: *Como é que eram recebidos pelas pessoas nas zonas mais interiores, que tinham menos contacto aqui com a aldeia?*

MJGG: Bem, sabe porquê? Bem, quem é que ia? Ia, por exemplo, este moço que vem agora a seguir...

PJP: *Eram conhecidos das pessoas?*

MJGG: Sim e era ligado, os pais eram ligados à agricultura, uma questão de confiança. Se este moço é da agricultura, a gente confia nele. Agora, se fosse ali uma gajo empregado hoteleiro: “– Quem é este gajo, aqui?” Desculpe lá estes termos, mas pronto... Eu já nem me lembrava que estava a ser gravado. Vá lá que não saiu nenhuma asneirada! [risos] E foi assim, as pessoas confiavam perfeitamente.

PJP: *Depois já não está cá nas primeiras eleições autárquicas, em dezembro de 76, ou está?*

MJGG: Em dezembro de 76 estava na tropa em Lagos.

PJP: *Então participa como eleitor?*

MJGG: Ah, como eleitor, sim. Aliás, antes, aquela para a Constituinte, a primeira, fiz parte também da mesa. Eu estava em todas! [risos] Fiz parte da mesa também, era uma alegria. Agora, nas outras não. Como lhe disse, a partir de 75, desliguei, desliguei praticamente de tudo.

PJP: *Quando regressa volta a ter atividades, ou no associativismo, ou...?*

MJGG: Nunca mais.

PJP: *Nunca mais sentiu esse ímpeto?*

MJGG: Não, achava que já eram novas pessoas que estavam, estava tudo bem, estava tudo encaminhado, deixar estar as pessoas! Olha, mais capazes do que eu, muito bem, continuem! A única coisa que fiz foi arbitrar uns joguinhos de futebol e mais nada, não fiz mais nada. Comecei a trabalhar e pronto.

PJP: *E a vida mudou.*

MJGG: Ah, os nomes da toponímia: era o José Augusto Calado, sabe porque aqui vivia-se muito das alcunhas. Havia o José Augusto Calado e o José Augusto Calado, que foi um grande dinamizador aí do futebol. Este era um primo, chamava-se na altura Zé Augusto Xica Teresa, porque a mãe era a Xica Teresa, era o Zé Augusto Xica Teresa, e o outro era o que eu disse há bocado, o *chauffer* de táxi, que era o Zé António Rodrigues.

PJP: *Que era então também o proprietário do café?*

MJGG: Não, trabalhava para o dono do café, andava com o táxi.

PJP: *E como é que se chamava o dono do café, recorda-se?*

MJGG: Era aquele senhor que está além, o primeiro, José Henrique Messias.

PJP: *Ah, foi depois presidente da Junta.*

MJGG: Sim, era dono de café, mas não era ele que estava lá na altura.

PJP: *Não era ele quem explorava.*

MJGG: Quem explorava era o José Trinta Reis. Pronto, e foi assim.

PJP: *Referiu aqui dois aspetos que também nos interessam. Nós, para além dos testemunhos orais das pessoas, estamos também a identificar objetos ou documentos*

que estejam relacionados com o tema e que nós possamos preservar através da fotografia ou da digitalização. Portanto, não pedimos nada às pessoas, a não ser essa reprodução para guardarmos esse testemunho de uma peça que seja significativa para a pessoa dentro daquele tema e referiu-nos aqui dois muito interessantes: o pin do Partido que o namorou...

MJGG: Eu acho que já não tenho, mas ainda vou procurar, mas acho que já tenho...

PJP: E a medalha pelo trabalho no recenseamento?

MJGG: Ah, isso sim, sou capaz de encontrar.

PJP: *Se tiver essa disponibilidade, nós podemos então fotografar essas peças.*

MJGG: Sim, posso trazer em qualquer altura.

PJP: *Sim, combinaremos então.*

MJGG: Sim, sim. O pin já não sei, acho que a minha mãe o tirou, porque eu fiz isto tudo, mas um bocado, está a ver 20 anos, à revelia da família, não era bem à revelia, não é este o termo. Deixei de ajudar tanto em casa e a chatice deles era: eles eram negociantes, uma taberna, uma mercearia e uma barbearia. O meu irmão era barbeiro e eu aproveitava a minha força de trabalho fora da escola para ajudá-los e eu, quando comecei a entregar aqui a minha vontade às pessoas, deixei de ajudar. Então, aquilo era um bocado contra vontade e não sei se a minha mãe, um dia, não foi à minha mesa de cabeceira, viu lá o “CDE” pegou naquilo e atirou, ou o meu irmão, que o meu irmão era todo “partidos ali, nada, nada”. Até as pessoas me gozavam, que eu era comunista, de boca cheia. Mas eu dizia: “– Estou descansado, vão ao Partido, perguntem, que eles dizem logo: não é! Tem colaborado, tem ajudado, mas não tem filiação partidária, não venham cá com histórias da carochinha que não vale a pena.” E, pronto, mas eu vou ver se encontro, pelo menos, a medalha, sim.

PJP: *Muito bem.*

MJGG: Agora, há outras pessoas, já não me lembro. Lembro-me destas que tive participação mais antiga, foram as duas, foi os primeiros comícios, até houve aqui uma pessoa, dos primeiros políticos que nos ajudava, ou para ir à Câmara, ou não sei quê, também já faleceu, já faleceram todos...

PJP: *E quando fizeram essa ação do recenseamento, aproveitavam também para difundir informação às pessoas sobre o que estava a acontecer?*

MJGG: Sim, sim, o tópico era mais a possibilidade de a pessoa poder escolher. Eles não tinham direito a voto. Quem votava antes do 25 de Abril era o empregado do Estado, chamado empregado do Estado, e pouco mais. Levavam o voto já preenchido – “você vai lá e põe este voto na urna” –, era assim que eram as eleições. Explicávamos às pessoas aquilo que ouviam na rádio, naquele tempo era mais rádio do que televisão, e que os filhos pudessem ler nos jornais ou qualquer coisa, que se pudessem informar e escolher dentro daquelas pessoas que pertenciam àqueles partidos o que é que eles queriam para o nosso país.

PJP: *Tinham esse poder.*

MJGG: Tínhamos. As pessoas também pensaram, sim, senhor, ter o poder de escolher. O poder de escolha foi muito importante, bem ou mal, mas foi importante, muito importante.

PJP: *Muito obrigada, senhor Manuel, muito obrigada.*

MJGG: Nada, ao dispor.

Referência para citação: MUSEU DE LAGOS / PALMA, Patrícia de Jesus – *Entrevista a Manuel João Gomes Gamboa*. 2023-09-26. Acessível, com ref.^a PT/ML/AML/E/4/MEMAC000014, no <https://abrir.link/ADZte>.